

O impacto da era digital nas perspectivas dos relacionamentos universitários

The impact of the digital age in the perspectives of university relations

Bianca Almeida NASCIMENTO¹
Guilherme Ferreira de OLIVEIRA²
Lucas Jorge GARCIA³

Resumo

Partindo de uma perspectiva universitária, este artigo trata da influência e impacto que a Era Digital pode causar nos relacionamentos atuais. A distância entre a universidade e a cidade natal dos alunos faz com que o contato com a família seja feito por meio de veículos digitais, como a internet. Por meio de uma abordagem qualitativa e do procedimento bibliográfico, o tema será explorado mais a fundo, a fim de se analisar criticamente os dados subjetivos e passíveis de interpretação. Após a análise, os resultados apontam para a transformação das relações sociais prévias ao serem transpostas para o meio digital.

Palavras-chave: Relacionamentos. Distância. Era Digital. Universitários.

Abstract

From a university perspective, this article addresses the influence and impact that the Digital Age can have on current relationships. The distance between the university and the hometown of students makes contact with the family through digital vehicles, such as the internet. Through a qualitative approach and the bibliographic procedure, the theme will be explored further in order to critically analyze the subjective and interpretable data. After the analysis, the results point to the transformation of the previous social relations when being transposed to the digital medium.

Keywords: Relationships. Distance. Digital Age. University Students.

¹ Graduando em Relações Públicas - UNESP-Bauru. E-mail: biancaameida47@gmail.com

² Graduando em Relações Públicas - UNESP-Bauru. E-mail: gui.ferreira4310@gmail.com

³ Doutorando em Design. Professor da UNESP-Bauru. E-mail: lginfinito@gmail.com

Introdução

Quando o jovem universitário sai de sua cidade para cursar o ensino superior, os relacionamentos anteriormente consolidados podem ser modificados. Fatores como a distância, que resulta em uma falta de contato presencial, e as diferentes realidades e experiências vividas, são responsáveis por fazer a intimidade existente diminuir em tais relações, às vezes em um processo quase imperceptível. Como devem ser questionadas as interações dos estudantes com seus familiares e amigos, a partir da internet e as mídias digitais?

A Era Digital trouxe novas significações para a sociedade em rede. Lévy (1998) já conceituou o espaço elástico, caracterizado pela alteração do tempo-espaço e da percepção humana, e os meios de comunicação digital como partes essenciais da análise dos relacionamentos no ciberespaço e o contato instantâneo em diferentes partes do mundo. Desse modo, o espaço prático, ou seja, o espaço que sentimos subjetivamente, é muito menor que o espaço geográfico. Para Gosciola (2003, p. 87) interatividade define-se por “um recurso de troca ou de comunicação de conhecimento, de ideia, de expressão artística, de sentimento”, ela trabalha com a distância presente na vida dos jovens universitários, que acaba por acarretar em diferentes complicações sociais e emocionais, especialmente em seus relacionamentos, no decorrer do processo de mudança e transição para a vida acadêmica. Com o advento da era digital, a ideia de proximidade se delimita por meio de mídias sociais, principalmente como solução para quando uma das partes do relacionamento passa a morar na cidade da universidade. Entretanto, Alex Primo (2013) e outros autores já questionaram que algumas das expectativas depositadas no processo de democratização da comunicação não suprimiram todas as necessidades dos usuários da internet, como se esperava com a chegada desse novo meio comunicacional.

O presente artigo tem como objetivo compreender as relações sociais entre os jovens universitários partindo da análise das ilusões causadas pela Era Digital. Além de analisar as mudanças nas relações sociais dos jovens universitários que partem para o ensino superior em outras cidades e entender as sensações causadas pela ideia de

reaproximação digital na vida dos jovens universitários e quais são as dimensões alcançadas nesses relacionamentos.

A ciência existe por meio da aplicação de métodos científicos que permitem a execução da pesquisa científica e que se desenvolvem baseados no raciocínio lógico. Para compreensão das especificidades desses métodos, deve-se partir do conceito mais básico necessário para aprofundar-se no tema, em que Marconi e Lakatos definem método como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (2010, p. 65). O método de pesquisa utilizado possibilita que esse estudo, de cunho exploratório, complemente as informações sobre determinado conceito, com uma abordagem qualitativa, a fim de analisar criticamente os dados subjetivos e passíveis de interpretação.

Os métodos de procedimento se encontram no âmbito mais concreto da pesquisa, podendo ser entendido como as técnicas utilizadas na mesma (MARCONI; LAKATOS, 2010). Dentre as inúmeras e grandiosas possibilidades de métodos de procedimento a serem escolhidos, o procedimento bibliográfico, pelo qual se “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema” (CERVO e BERVIAN, 1983, p. 55), adequa-se ao entendimento das relações dos universitários no meio digital. Este procedimento trata do levantamento e da análise conhecimento produzido, a partir do uso de produções acadêmicas como artigos e livros abordando discussões sobre a era digital e os relacionamentos universitários.

O advento da era digital e os relacionamentos

Pierre Lévy (1998), a partir de uma abordagem antropológica, explica a movimentação dos seres humanos pelo globo. A história da humanidade transita entre dispersão e concentração da população. Entretanto, com o passar do tempo e o desenvolvimento da linguagem, os humanos adotaram ao sedentarismo. Esse período possibilita iniciar a análise da relação dos meios de comunicação e de transporte. Ele ainda destaca que ambos se desenvolveram ao mesmo tempo e interligados. Com isso, o

“espaço elástico” é caracterizado pela diminuição do tempo e do espaço, modificando a percepção humana. Grande parte dessa mudança se dá pela globalização. Os meios de transporte possibilitam hoje que as pessoas estejam em diferentes países em questão de horas. Enquanto os de comunicação possibilitam o contato instantâneo em diferentes partes do mundo. Dessa forma “subentende-se que, pelo estudo dos fatos humanos, a consideração do espaço prático é mais importante de que a de um espaço físico ou geográfico objetivo e imutável” (LÉVY, 1998, p. 40). A conceituação do espaço prático implica na necessidade de entendimento do papel da internet, da sociedade em rede e, portanto, das redes sociais. Com isso, sabe-se que:

[...] a Internet é uma criação americana, que surgiu durante a Guerra Fria, por volta de 1969, sob o nome de Arpanet. Tratava-se de um sistema utilizado pelo Departamento de Defesa Americano, que depois se estendeu à universidades e centros de pesquisa, para posteriormente ter o uso irrestrito. A Internet no formato em que conhecemos, com os sistemas HTTP, WWW e linguagem HTML, emergiu em 1991, sendo uma criação do cientista Tim Berners-Lee. (SIMÕES, 2009, p. 5).

A partir deste conceito, Castells (1999) indica que a internet deve ser analisada como uma rede de grupos de redes, fomentando a criação de uma nova cultura: a “cibercultura” de Lévy (1999) ou:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (p.17).

A rede passa a representar um ambiente próprio de desenvolvimento de novas relações. A partir de mecanismos de comunicação instantânea, como e-mail, salas de bate-papo, MSN, Orkut, Twitter, Facebook e WhatsApp, o fenômeno do espaço-elástico passou a moldar relacionamentos e possibilitar cada vez mais interações sem a necessidade de um contato presencial. “Para a Antropologia Social a noção de redes sociais busca apoiar ‘a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias’” (BARNES, 1987 *apud*

ACIOLI, 2007, p. 2). Esses processos sociais complexificaram o estudo dos relacionamentos. Nesse espaço, cabe dizer que esses:

[...] sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem: i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. (BOYD & ELLISON, 2007 *apud* RECUERO, 2009, p. 121).

Com isso, percebe-se que foram possibilitadas outras maneiras de interação por meio dessas redes. O serviço de envio de mensagens instantâneas proporcionou aos usuários o “enlatamento” das emoções (ECO, 1976 *apud* ROCHA, 1995), o envio de mensagens escritas, emoticons, emojis, memes ou *stickers* substituíram a expressão do real sentimento dos indivíduos. O uso de algum desses itens para simbolizar o riso, por exemplo, pode mascarar o verdadeiro sentimento da pessoa, de forma que as experiências e emoções já estão pré-elaboradas e prontas para uso.

A Análise da Conversação vem sendo discutida e conceituado desde os anos 1960, e tem como base estudos Antropológicos e Etnométricos, e tem como foco a estrutura da conversação e os processos que constroem um discurso (RECUERO, 2009). Para Marcusch, conversação é “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”. Portanto, a conversação se dá, principalmente, quando as duas ou mais partes se encontram em uma atividade em comum, e a realizam, seja oralmente ou por meio de algum aparato, se tornando, assim, mediada.

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) vem sendo conceituada por diversos autores desde que a Era Digital permitiu que os processos comunicacionais pudessem ser feitos a partir da internet e de aparelhos digitais. Dentre estes autores está Baron, que conceitua a CMC como “quaisquer mensagens de linguagem natural que sejam transmitidas e/ou recebidas através de um computador. Falando de modo geral, o termo CMC se refere à linguagem natural escrita enviada via Internet” (2002, p. 10). A CMC barra as limitações de espaço geográfico e tempo, garantindo com que as interações que antes, talvez não pudessem ser possíveis, possam acontecer de maneira efetiva.

Mas a CMC não é apenas influenciada pelas suas ferramentas. Ela é, também, um produto social. Jones (1995) dá, justamente, uma definição que foca esse elemento. Para ele, a CMC não é apenas constituída de um conjunto de ferramentas, mas é um motor de relações sociais, que não apenas estrutura essas relações, mas também proporciona um ambiente para que elas ocorram. É na CMC que as relações sociais são forjadas através das trocas de informação entre os indivíduos. Ela não é, portanto, apenas uma estrutura técnica de suporte à linguagem mas, igualmente, um conjunto de ferramentas cujo sentido é construído pelos interagentes. E parte dessa construção foca as práticas de conversação. (JONES, 1995 *apud* RECUERO, 2012. p. 260).

Portanto, a CMC se mostra um fator social que afeta o cotidiano e as relações pessoais das mais diversas maneiras, ao permitir a interação entre amigos, familiares, o encontro entre as mais diversas pessoas, em diferentes lugares do globo, ao facilitar o acesso à informação e afins, sendo possível através da Era Digital, apresentada e discutida no decorrer do presente capítulo.

Após a compreensão da cibercultura, da sociedade em rede e da CMC, se faz necessária uma análise mais contemporânea para o entendimento dos relacionamentos no meio virtual. Afinal, “a histórica luta pela democratização dos meios de comunicação finalmente concretizou seus projetos?” (PRIMO, 2013, p. 14). Esse e outros questionamentos se relacionam com a desilusão quanto a Era Digital. A ideia de democratização da comunicação sofre algumas retóricas quando se analisa mais a fundo as mediações das grandes corporações e dos interesses do capital. Primo explica que:

[...] é como se a cibercultura fosse a terra prometida, anunciada em décadas passadas nos discursos pela democratização dos meios de comunicação. Agora que as mídias digitais foram de fato popularizadas [...], será que os relacionamentos realmente se horizontalizaram em um platô sem hierarquias? E o grande capital midiático, as titânicas organizações massivas, foram liquidadas pela produção digital independente? Tais anúncios proféticos não se realizaram plenamente. Mesmo assim, o cenário da mídia e as inter-relações entre todos os atores envolvidos (pessoas, grupos, corporações, nações, tecnologias etc.) de fato se transformaram significativamente. (PRIMO, 2013, p. 15).

No começo do século se esperava que a internet e os meios digitais solucionassem diversos problemas de relacionamento e mudassem a comunicação de forma revolucionária. De fato, a cibercultura explicada por Lévy, alterou muitas das

perspectivas do mundo. Entretanto, fatores como as mediações, as emoções “enlatadas” e a compreensão de que a internet continua não sendo totalmente democrática, apontam para as controvérsias do meio digital. Assim, cabe agora uma análise de como os jovens universitários têm seus relacionamentos alterados no contexto de seus espaços práticos e a comunicação mediada por computadores.

O ingresso na universidade

O ingresso na universidade é uma fase que se faz presente na vida de uma parcela de jovens brasileiros, que, após a formação no ensino médio, passam por cursos pré vestibulares e enfrentam uma rotina de estudos para que estejam preparados para as provas que selecionam os estudantes para as faculdades e universidades.

Enfim, o ingresso na universidade é, ao menos potencialmente, uma experiência estressora para os jovens estudantes. Por ser hoje o ingresso na universidade uma tarefa de desenvolvimento típica da transição para a vida adulta (ao menos nas camadas sociais mais favorecidas) [...]. (DIAS *et al.*, p. 187).

Os métodos de ingresso no ensino superior se baseiam nos vestibulares tradicionais de cada universidade e faculdade, que contam com regras e métodos próprios e tendem a serem aplicados nas respectivas cidades em que os campus e campi se encontram, se limitando a serem aplicados em algumas outras cidades vizinhas e grandes metrópoles. Entretanto, nos últimos anos, outras alternativas, que facilitaram esse processo, se mostraram possíveis e passaram a ser aderidas pelas universidades e pelos estudantes.

Uma destas alternativas é o Sistema de Seleção Unificada (SISU), um programa criado em 2010 pelo governo federal, que tem como objetivo selecionar estudantes para 180 universidades federais e estaduais espalhadas por todo o país, concentra metade das vagas e tem como critério a participação e o desempenho do aluno no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Com o aluno podendo fazer a prova na sua cidade e concorrer à uma vaga sem precisar se deslocar para fazer os vestibulares específicos das instituições de interesse, a mobilidade no ensino superior tem se tornado cada vez mais

comum e tende a aumentar com o aumento de vagas oferecidas pelo programa, que foram de 10,7% para 43% entre os anos de 2010 e 2016.

Figura 1. Evolução do Sisu



FONTE: IBGE (2013)

Este fenômeno pode ser observado nos dados de uma pesquisa realizada em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostram que ao menos 15 mil estudantes brasileiros saíram de seus respectivos estados para cursar o ensino superior naquele ano, sendo o Paraná o estado que mais recebeu alunos migrantes (27%) e São Paulo o estado mais exportou (um total de 4.839).

A Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) possui 24 campi espalhados pelo estado de São Paulo, atuando em praticamente todas as regiões do estado. Dentre os seus diversos objetivos está a fomentação do acesso à educação e ensino de qualidade para todos. Sendo constituído por muitos alunos não residentes, originalmente, das cidades de seus campi, a UNESP desenvolve um fluxo de pessoas para esses novos polos educacionais. O campus de Bauru, mais especificamente os ingressantes do curso de Relações Públicas do ano de 2018, serve de recorte para exemplificação do número de alunos advindos de outras cidades para Bauru.

.Os dados a serem apresentados a seguir são de teor exemplificativo, sem relação de amostragem para generalização de um padrão comum a qualquer outra turma de qualquer um dos cursos das universidades brasileiras.

A turma é composta por 49 alunos, com idades entre 17 e 36 anos. Dentre esses, 37 são migrantes, que partiram de outras cidades do estado de São Paulo, incluindo interior e capital, além de outros estados, como Minas Gerais e Rio de Janeiro. Tal situação tem impacto, não só no âmbito intelectual da vida dos respectivos estudantes, que saem de casa em busca de uma formação acadêmica e crescimento profissional, como tem impacto, também, em outros âmbitos, se fazendo presente na parte social e pessoal.

De fato, a experiência universitária não se resume à formação profissional. Especialmente nos anos iniciais, e para aqueles jovens que concluem o ensino médio e ingressam logo em seguida em um curso superior, a universidade tem um impacto que vai além da profissionalização. (ALMEIDA & SOARES, 2003 *apud* DIAS *et al*, 2008, p. 187).

Este impacto pode atingir, por exemplo, as relações sociais que, com a distância, podem afetadas, “A entrada na universidade implica uma série de transformações nas redes de amizade e de apoio social dos jovens estudantes.” (TAO *et al*, 2000 *apud* DIAS *et al*, p. 187), e precisam ser administradas pelos calouros e pelos seus respectivos amigos e familiares que ficaram na cidade de origem do estudante.

Os relacionamentos universitários na era digital

Partindo da análise das novas possibilidades que a internet e as redes sociais proporcionam, a sociedade em rede engloba especialmente a população mais jovens. “Os indivíduos com idade entre 18 e 24 anos apresentam a maior taxa de conexão: 85% deles estavam online”, afirma o portal de notícias G1, sendo os dados parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C), referentes ao quarto quadrimestre de 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A realidade brasileira em relação ao uso da internet se destaca no processo de matrícula dos jovens que optam por estudar fora de casa. Geralmente, a internet é vista pela família e amigos do estudante como a melhor forma de se manter contato após essa mudança. Tanto os jovens quanto seus parentes adquiriram o hábito de utilizar a internet para esse fim. Das 116 milhões de pessoas que acessaram a internet em 2016, 94,2% enviaram ou receberam mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos, o que

inclui redes sociais, como Facebook, e programas de mensagem, como Whatsapp. Os laços amistosos se baseiam nesses aplicativos como depósitos de esperança de suas manutenções.

Entretanto, quando o jovem calouro universitário chega em uma nova cidade, com o objetivo de cursar um curso superior, uma vida é deixada na sua cidade de origem. Além precisar desenvolver habilidades e responsabilidades, que se tornam cruciais quando se sai da casa dos pais e se passa a morar sozinho, outros âmbitos da vida se também são afetados. Os familiares, os hábitos, a rotina e, por fim, as relações sociais que foram construídas por uma vida inteira, são deixados e se tornam passíveis de mudanças.

Ao ingressar em um ambiente totalmente novo, a universidade, com pessoas novas, o estudante tende a ter outras visões, ideias e perspectivas de mundo, nem sempre compatíveis com as anteriores, adentrando aí, a convergência com as pessoas que ficaram na cidade natal, causando uma certa incompatibilidade com os relacionamentos anteriores. Portanto, a distância passa a ser não só geográfica, mas muito mais complexa e difusa, envolvendo identificação e intimidade, afetando estes relacionamentos de maneira quase inevitável.

Dessa forma, existe a possibilidade de que os antigos relacionamentos se torne mais presos a *persona* virtual, criada pelas emoções “enlatadas” e pelos vícios comunicacionais padrões utilizados pela sociedade em rede, em contraponto com o desenvolvimento pessoal e progressivo dos comportamentos do jovem para com as pessoas ao seu redor, no ambiente universitário.

Considerações finais

Com a problemática trazida, este artigo pretende fomentar a discussão na área da Comunicação Social em torno da internet e das relações sociais, além de enriquecer as pesquisas no campo das Relações Públicas, que ainda carece de pesquisa e produção de conteúdo científico, abrindo espaço para o levantamento de questões e contribuições que podem advir de outros pesquisadores ao tema.

Uma vez problematizado o fenômeno dos relacionamentos através da Internet, é perceptível que a questão do distanciamento entre os indivíduos assume papel central.

Ao se transpor as relações sociais para o ambiente virtual, tem-se a ilusão de que é possível fazê-lo sem implicações aos envolvidos. Contudo, tal atitude não leva em consideração dois fatores determinantes nesse processo. Primeiramente, a distância entre os indivíduos não deve ser ignorada, uma vez que esta impede a realização do contato físico. O segundo fator, de maior relevância, é o fato de que a Internet, ao se configurar como um ambiente de interação, tem suas próprias especificidades. Dessa forma, ao se simular no ciberespaço as mesmas relações que se dão no mundo “real”, é inevitável que estas se adaptem a esse cenário virtual.

Portanto, a partir dos conceitos e discussões trazidas neste artigo, é possível considerar que o advento da Era Digital e o surgimento das redes sociais nem sempre cumprem com o esperado, e de certa forma prometido em seu princípio, não saciam a necessidade que o jovem universitário sente na manutenção de seu laços e vínculos deixados para trás quando se muda de sua cidade natal para cursar o ensino superior em outra cidade e, por vezes, outro estado.

Referências

ACIOLI, S. Redes Sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos do conceito. *In: Informação & Informação* (Cessou em 2002), v. 12, p. 01-12, 2007.

BARON, N. **Language of the Internet**. *Chapter 5*. In: Ali Farghali, ed. *The Stanford Handbook for Language Engineers*. Stanford: CSLI Publications, pp. 59-127, 2002.

BÔAS, Bruno Villas. **IBGE: 94,2% dos brasileiros usam internet para trocar textos e imagens**. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/brasil/5337837/ibge-942-dos-brasileiros-usam-internet-para-trocar-textos-e-imagens>>. Acesso em: nov. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 1. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Mcgraw Hill, 1983.

DIAS, Ana et al. **Adaptation to university among young freshmen students**. *Psicol. esc. educ.* [online]. 2008, vol.12, n.1, pp. 185-202. ISSN 1413-8557.

GOMES, Helton Simões. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: nov. 2018.

GOSCIOLA, V. **Roteiro para as novas mídias do game à TV interativa**. São Paulo: Senac, 2003.

IBGE: **No nível superior, 29% dos alunos saem de sua cidade para estudar**. - Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2012/12/19/ibge-no-nivel-superior-29-dos-alunos-saem-de-sua-cidade-para-estudar.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: nov. 2018.

LÉVY, P. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, EDIPUCRS, semestral, n° 9, dezembro 1998.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORENO, Ana. **Sisu cresce quatro vezes em sete anos e concentra quase metade de vagas públicas em universidades**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/sisu-cresce-quatro-vezes-em-sete-anos-e-concentra-quase-metade-das-vagas-publicas-em-universidades.ghtml>>. Acesso em: nov. 2018.

MORENO, Ana; REIS, Thiago. **13% dos calouros no Sisu migram de estado em 2013**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/05/13-dos-calouros-no-sisu-migram-de-estado-em-2013.html>>. Acesso em: nov. 2018.

O que é o Sisu?. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/sisu/o-que-e-quem-pode>>. Acesso em: nov. 2018.

PRIMO, Alex. **Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática**. In: Alex Primo. (Org.). *Interações em rede*. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 13-32.

RECUERO, Raquel. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador**. In: Dulcilia Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). *Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo*. 1ed. Sao Paulo: Almedina, 2012, v. 1, p. 259-274.

RECUERO, Raquel. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: A Conversação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet**. In: II Simposio da ABCiber, 2008, Sao Paulo. Anais do II Simposio da ABCiber, 2008.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2012. 208p.

SIMÕES, Isabella de Araújo Garcia. **Sociedade em Rede e a Cibercultura**. In: **Revista Temática**. Ano V, n. 05, 2009.